Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O Bosque Misterioso

O Bosque Misterioso

Em Vilacorda vivia um açougueiro muito gordo, que tinha uma mulher mais gorda ainda do que ele. Como eram muito trabalhadores e muito ativos, eles conseguiram juntar uma boa fortuna, de modo que poderiam muito bem fechar as portas do açougue e passar folgadamente o resto da vida. Mas isto eles estavam longe de pensar, pois Sacatripas (era o nome do açougueiro) não conhecia nem havia conhecido nunca em toda a sua existência mais do que uma satisfação: a de ir enchendo suas arcas, uma moeda atrás da outra. Quando, à tardinha, já fechado o negócio, ele fazia rodar em cima da mesa as moedas, e o som do metal chegava aos seus ouvidos, a alegria lhe iluminava o rosto, e seus olhos brilhavam de contentamento.

- Olha, velhinha - dizia ele à sua mulher, que o ajudava a contar as moedas -; hoje ganhamos tanto quanto ontem, e ainda alguma coisa mais! Estamos nos enchendo, hem? cada dia mais ricos. . .

Sim, - respondia ela - cada dia mais ricos. . .

Esse original casal tinha uma única filha, uma menina, que era um assombro de beleza e distinção: numa carinha, emoldurada por uma cabeleira cor de avelã, viam-se uns olhos de cor azul-clara, de uma expressão encantadora, pela inocência e bondade que refletiam. Ninguém acreditaria que ela tivesse nascido atrás de um balcão de açougue; parecia mais ter sido embalada em berço de ouro.

Também não se parecia absolutamente com os pais; o dinheiro não lhe interessava nada, e ela passava o dia cantando alegremente. Era uma criatura deliciosa.

- Vamos, Alice - lhe dizia sempre o pai. - Quando será que te verei fazendo alguma coisa que se aproveite? Olhe que cantando não se ganha nada! Vamos ver em que dia poderei apreciar-te cortando um suculento lombinho de porco para algum freguês de bom gosto, ou então picando carne no talhador. Estas é que seriam as ocupações dignas de uma mocinha como tu.

- Sim, dignas de uma mocinha como tu! - repetiu, para reforçar as palavras do marido, a gorducha da mãe.

Mas Alice não respondia a estas admoestações, a não ser rindo e cantando. Cada dia aprendia novas cantigas, cada dia saíam novos gorjeios de sua linda garganta.

O pai, sempre cortando carne, e a mãe, sempre atendendo à freguesia; mas Alice não se preocupava com coisa alguma; para ela, era como se o açougue não existisse. Só interrompia seus cantos quando via aparecer a cabeça de algum

pobre esfarrapado, ou de alguma mendiga andrajosa, contemplando com olhos de fome os pedaços de carne pendurados nos ganchos das paredes.
Então ela acudia, e lhes dava, sem que o pedissem, uma saborosa salsicha, um pedaço de presunto bem vermelho, ou de toucinho bem branco; e o pai, quando a surpreendia, a repreendia severamente, por que ele, se gostava muito de tomar, não gostava nada de dar. Dizia:
- Agindo deste modo, ninguém ficaria rico!
A primeira e a única boa ação que Sacatripas havia praticado em sua vida fora ter recolhido em casa, quando ficara órfã de pai e mãe, uma menina, Suse, sua sobrinha, que ele a fez depois cozinheira, mas sem ganhar nenhum ordenado. E até disto ainda se arrependia, porque, como dizia ele, Suse era uma faladeira impertinente, que em tudo metia a sua língua suja. Mas em todo o caso, gostava de Suse como cozinheira, e por este motivo não a deixava pôr os pés na rua, fazendo-lhe ameaças, e a prendia em casa porque ela muito contribuía para arredondar a barriga dele, com seus bons guisados.
Porém chegou um dia em que Alice abandonou suas alegres cantigas e começou a dar umas rápidas escapadas. O canto parou de tal modo, que chegou a intrigar o açougueiro, e também, como era natural, a sua cara-metade.
- O que estará acontecendo com Alice? - indagou Sacatripas da mulher. - Ela não canta, não diz uma palavra, nem prova a comida... Estes sintomas não são bons!
- Sim, de fato, - repetiu a rechonchuda açougueira -

são maus sintomas!
- E não tens nenhuma idéia? Puxa! Esperava que desses alguma resposta interessante! - replicou enfadado o açougueiro. - Olha , eu vou até a cozinha, porque lá com certeza Suse me contará o que anda acontecendo.
E assim o fez.
- Não sei de nada, não tenho reparado em nada - respondeu Suse, esboçando um sorriso. - Vocês só pensam na barriga e na bolsa. Quem pode saber disto e dar alguma explicação é o esfomeado estudante Fritz Tragalivros, que todas as tardes vem comprar uns centavos de banha. Vá falar com ele, que lhe dirá o que está acontecendo, e alguma coisa mais que deseje saber; porque eu. . . conheço bem vocês!
- Criatura sem-vergonha! - mastigou Sacatripas, e vestido como estava, sem tirar o avental branco manchado de sangue, se dirigiu para a mansarda do estudante.
Encontrou-o debruçado em cima dos livros.
O gordo açougueiro, quase sem poder respirar depois de ter subido cinco lances de escadas, abriu a porta da mansarda sem chamar, e investiu o estudante:
- Podes dizer-me por que a minha filha anda tão estranha que quase não prova os saborosos pratos que pomos diante dela?
O estudante, um pouco encabulado, se levantou e respondeu, corando
ligeiramente:
- Eu lhe direi a verdade com todo o prazer, mestre açougueiro: estou gostando da sua filho, e ela

também gosta de mim. Alice anda triste porque pensa que os senhores não vão lhe dar consentimento para casar comigo. Por favor, seu açougueiro: dê-me a sua bênção, e verá como Alice recobra o apetite, e com ele a sua alegria e jovialidade.

Sacatripas reprimia sua raiva com dificuldade, mas esta estourou quando o estudante pronunciou as últimas palavras.

- Então, te atreves a me propor um crime como este, seu mendigo, seu andrajoso? Achas que vou deixar o dinheiro que tenho poupado com tanto esforço ir parar na tua bolsa franzida? O que tu vais fazer é não olhar mais com essa cara de aspargo murcho para a minha filha, se não quiseres que eu te mate como um boi no matadouro, ou que te arranque as tripas como a um carneiro degolado! Mas desconfio que esta vai ser a tua sorte, seu bebê chorão!

Depois de dizer tanta grosseria, o açougueiro desceu os cinco lances da escada.

Quanto a Alice, foi ficando cada vez mais triste e mais pálida; porém ao pai isto preocupava menos do que se uma remessa de chouriço começasse a dar flor.

Certo dia, quando se encontrava precisamente em seu matadouro, destripando um enorme boi, apareceu diante dele um homenzinho ridículo, vestido de modo muito extravagante: túnica azul, calças de seda, gorro pontudo e uns minúsculos sapatos de bico, com fivelas de prata; atravessado ao ombro ele levava um saco de lona grosseira, que tocava o chão nas duas extremidades.

O açougueiro observou divertido aquela estranha figura e lhe perguntou:
- O que estás olhando, então? Por acaso estás com vontade de aprender a profissão de carniceiro? Mau ofício, para um homem do teu tamanho.. . Olha! deixe crescer uns dedos mais, e depois volte. - Riu ele mesmo, às gargalhadas, do idéia que tinha tido.
Mas o anão o olhou muito sério e sussurrou:
- Dá-me umas tripas e uns músculos, bom carniceiro; preciso disto.
O açougueiro coçou atrás da orelha e respondeu:
- "Dá-me, dá-me"... eis uma palavra que me aborrece! Não tens outra melhor para empregar, homenzinho?
- Toma em troca um bom peso (dinheiro).
- Ah, isto já soa melhor para mim! - respondeu Sacatripas. E disse ainda: - Toma as tripas e os músculos e volte outro dia para buscar mais. Porém, dize-me uma coisa: o que vai fazer com estas porcarias?
- É esta a minha tarefa desde que todos os mortais nascem - disse para si mesmo o anão, e meteu os miúdos no saco, pensando: "Vou visitar todos os matadouros, um após outro, porque preciso de tripas e de músculos."
- Está bem, faz bom proveito! - disse Sacatripas - e fica sabendo que depois de amanhã farei nova matança de bois, e guardarei tripas e músculos para ti, se me trouxeres um bom peso.
O anão saiu, mas continuou a aparecer todos os dias em que havia matança, e levava as tripas e os músculos, sem comprar outra mercadoria senão esta, apesar de Sacatripas lhe oferecer suculentos

pedaços de lombo, tentadores pernis de carneiro e corações de vitela com bastante toucinho.
- Nado disto me interessa - respondia muito sério o anão -; só quero tripas e músculos; tripas e músculos, nada mais!
- E o que fazes com isto? Para que precisas disto? - lhe perguntava todas as vezes o açougueiro. Mas o anão ficava mudo.
Um dia aconteceu que o açougueiro teve de sair para recolher um gado que havia negociado com os lavradores do lugar. A mulher foi com ele. Só ficaram Alice e Suse antes de sair o açougueiro disse à filha:
- Vai aparecer um homenzinho, que com certeza tu acharás simpático, porque é extravagante e indolente como tu. Virá buscar tripas e músculos. Aqui estão eles, já preparados; entrega-os, e cobra-lhe um bom peso.
Com efeito, pouco depois de o pai ter voltado as costas, se apresentou o anão, e a mocinha pálida lhe perguntou o que desejava.
- Tripas e músculos - falou ele baixinho -; é esta a tarefa que me cabe, desde que nascem todos os mortais.
- Cá estão - disse-lhe Alice, e enquanto o anão lhe estendia o peso para pagar, ela acrescentou: - Ora! esses miúdos não valem nada! Espera, que vou devolver-te meio peso.
O anão olhou-a de um modo significativo, dizendo:
- Sim, sim; eu te conheço! Tu cantavas com voz muito límpida, muito suave! Mas o teu passarinho não está satisfeito, e por isto não cantas mais, por isto estás triste.

Os olhos de Alice encheram-se de lágrimas e ela escondeu o rosto com o avental..
- Não chores - lhe disse o anão -; a umidade de tuas lágrimas prejudicará as tuas cordas; vê se, pelo contrário, tu ris e sentes alegria, para que a corda soe clara, satisfeita, e teu passarinho fique contente.
- Não compreendo o que me dizes - replicou Alice -; mas sinto uma tristeza tão grande, que passo a noite soluçando e amanheço com os olhos molhados de lágrimas.
- É pena! - respondeu o anão, com ar de homem muito sério -; não faças isto, mulherzinha; cuidado que a corda partirá, estalará! E já ia afastar-se do açougue (onde toda esta conversa se passava); mas Alice lhe suplicou:
- Não vás embora, anão; tu me inspiras uma grande confiança. Olha! Vem comigo até a cozinha, e ganharás um prato de sopa bem quente. Parece que chegaste de muito longe! Vê-se pelos teus sapatos, cheios de poeira. . . - E dizendo isto, estendeu a mão ao anão, e este a seguiu sem dificuldade.
Quando chegaram à cozinha, Suse, ao vê-los, exclamou:
- Olá! O novo noivo de Alice! Tu o escolheste bem pequeno, é verdade, mas tens uma vantagem: ele gastará menos pano para se vestir, e menos couro para os sapatos!
- Eu te conheço - disse-lhe o anão - conheço tua voz, que nada tem de bonita; parece voz de frango, e cantas desafinado!
- Afasta-te para lá, seu pardal; toma tua sopa e deixa-me em paz! - retorquiu Suse enquanto lhe

oferecia o prato.
O anão riu consigo mesmo e disse:
- Pardal, este é precisamente o teu passarinho; conheço-o muito bem!
- Tens menos juízo do que precisas - replicou indignada Suse, e voltando-se para Alice, acrescentou: - Vai custar-te caro me trazeres aqui dentro esse espantalho. Hoje mesmo Fritz Tragalivros vai saber que andas em companhia de outro homem.
- O Fritz eu também conheço - disse de repente o anão -;fala num tom de voz muito sério, quase solene. Quanto gostaria de poder falar com ele!
- Tu o conheces, querido anão! - interrompeu-o Alice, ficando um pouco vermelha. - A verdade é que ele se faz amar. E' tão distinto, tem tão bom coração, e uns modos tão educados. .
- Sim, de fato, - disse o anão, reforçando sua afirmativa com um movimento de cabeça - deve ser tal qual tu dizes, porque o tom de voz dele é puro e cheio. Mas é por ele que choras? - perguntou ele a Alice.
Ela assentiu, abaixando a cabeça. Depois o anão se despediu, dando-lhe a mão e dizendo-lhe com toda a seriedade de que era capaz:
- Coragem, mocinha! Torna a cantar com alegria; eu te ajudarei, se puder, mas procura conservar o bom humor, e não estragues a corda com tuas lágrimas. Seria pena, uma verdadeira pena!
Quando o anão apareceu, no açougue, no dia seguinte, em busca de tripas e músculos, o açougueiro insistiu novamente em querer saber o que ele fazia com aqueles miúdos.

E então o anão respondeu:
- Irás saber - lhe disse com grande seriedade -; mas antes, tu podes acompanhar-me?
Sacatripas estava tão curioso para saber que destino o anão dava aos miúdos, que não hesitou em abandonar o negócio. Assim, largou o cutelo e disse:
- Sim, eu vou contigo. É muito longe?
- Não; antes da noite estaremos de volta.
Seguiram ambos pela rua, o gorducho açougueiro e o anão, formando uma dupla bem desigual. Quando já tinham saído da povoação, o anão se dirigiu para um bosque de faias, não muito distante, e o açougueiro o seguiu docilmente.
- Isto fica muito longe? - perguntava a todo instante. - E' que tenho muita carne, e ela me pesa, quando ando.
- Tem um pouco de paciência; já não falta muito - replicou o anão.
Realmente, chegaram ao bosque. 0 anão, de pé em frente de uma das faias que ali erguiam suas frondosas copas para o céu, puxou uma chave de feitio muito estranho, introduziu-a numa fenda de árvore e esta se abriu, deixando ver uma grande escada de mão, cuja extremidade inferior ia dar dentro da terra.
0 anão começou a descer, e como o açougueiro hesitasse em segui-lo, fez-lhe um sinal, dando-lhe a entender que podia descer, porque não havia nenhum perigo.
Foi mais forte no açougueiro a curiosidade do que o medo, e ele se atreveu a descer, seguindo os passos do anão.

Chegando no final da escada, se viram diante de uma porta.
0 anão murmurou:
“Abre-te, bosque sagrado, ao que chama à tua porta.”
A porta se abriu. 0 anão entrou, e o gorducho açougueiro atrás dele.
Sacatripas ficou estupefato ao ver aquele imenso bosque, o qual parecia não ter fim.
Em todo o espaço que a vista podia alcançar, não se viam mais do que árvores novas e muito delgados, e entre elas se estendia um emaranhado de cordas, das quais umas claras, outras escuras, umas grossas, outras finas.
Em cima de cada corda descansava um pássaro, que a bicava, e a cada bicada a corda emitia um som diferente. Deste modo o ar se enchia de sons e tons, que, se unindo, formavam numerosos acordes de uma harmonia maravilhosa.
Por todo o bosque se espalhava, saindo dos milhões de cordas que por ele havia, uma música plangente e admirável, cheia de grandiosidade e beleza, que enchia todos os cantos, produzindo nos que a ouviam um sentimento de elevação de espírito que os fazia pensar na eternidade e no infinito.
Embevecido, o gorducho açougueiro escutava aquela música. Em sua alma penetrava pela primeira vez a suspeita de que pudesse existir alguma coisa melhor do que comer e beber, e alguma coisa mais suave do que o som do moeda. Por fim ele perguntou:
- 0 que é isto?

- É o canto da humanidade - respondeu-lhe calma e solenemente o anão - e nele tomam parte todos os homens. Aproxima-te mais e te explicarei: ao nascer um homem, nós os anões da selva, esticamos uma corda entre as árvores; o som que esta corda produz é o som da alma do que nasce.
- Há cordas que soam claro e nítido, e é porque as almas desses homens são claras e serenas; já outras, soam surdo e turvo; é porque nas almas desses homens predomina sempre este tom. De cada uma dessas cordas cuida um pássaro, que bebe seu som, o absorve, e depois o reproduz à sua maneira. Não vês ali o corvo? Não ouves o seu grasnar? É a corda de um pecador empedernido, cujo interior só produz sons desafinados como estes. Ouves esta outra corda como soa tão delicado e claro, e em cima da qual está pousada uma cotovia? É a alma da pobre mendiga que uns dias atrás tu puseste fora do teu açougue, com maus modos. Lembras-te de que, apesar da tua repreensão e dos teus insultos, ela se afastou calma e sorridente? Pois assim é ela por dentro, na sua pobreza e na sua necessidade. Agora compreenderás, mestre açougueiro, o emprego que faço das tripas e dos músculos. A medida que vão nascendo mais mortais, aumenta o meu trabalho.
Nem havia terminado as suas explicações, quando rasgou o ar um som estridente, que deixou atordoado o açougueiro.
- 0 que é isto? - perguntou ele.
- É que estalou uma corda, morreu um homem - respondeu em tom tristonho o anão. 0 passarinho que estava pousado na corda fugiu, receoso, e logo

caiu exânime no chão.
- Eu devo ter também a minha corda, não é?...
- Claro! tu e os teus tendes cada um a sua, tal como os outros mortais!
- Gostaria de vê-la. Mostra-me onde está.
0 anão o conduziu a um atalho do bosque, onde estava uma corda bem clara, com reflexos de prata, e sobre ela se achava pousado um passarinho, que naquele momento estava de cabeça inclinada, como em sinal de grande aflição.
- Será esta a minha corda? - perguntou o açougueiro.
- Que idéia! - respondeu o anão. - É a de Alice; não ouves como canta claro e afinado? E fica sabendo que seu tom seria ainda mais bonito, mais puro do que é, mas a corda está toda úmida, as penas do passarinho gotejam, e se chegar a encharcar-se, cairá.
Comoveu-se ao ouvir essas palavras o açougueiro que, apesar de tudo, estimava deveras a filha, e perguntou:
- Como é que chove logo em cima desta corda, se muitas outras estão cheias de sol?
- Não é chuva, - respondeu o anão - são lágrimas de sofrimento que tombam sobre ela. E também, o que aqui parece sol, não o é; estas coisas parecidas com os raios, são a luz de ouro do regozijo; é o que torna as cordas flexíveis e lhes dá a um só tempo extraordinária resistência e duração.
O açougueiro ficou um bom momento pensativo e em silêncio, silêncio que interrompeu para perguntar, muito sério:
- E a minha corda, onde está?

Em resposta o anão lhe mostrou uma corda áspera, sem brilho nenhum, enrijecida, e que pela metade se estava afinando extraordinariamente, a ponto de ameaçar romper-se. Nela estava pousado, numa das pernas, um marabu, que não parava de beliscá-la, e a corda, como som, só produzia um desagradável "brum, brum".
- É esta a tua corda - disse o anão!
O açougueiro a observou repetidas vezes e murmurou:
- Ih, que dura!
Então o anão lhe mostrou um pequeno pote de ungüento branco, igual a outros que havia ao pé das árvores, um para cada corda, e que serviam para untar as cordas a fim de que não se ressecassem, e lhe disse:
- Olha dentro este pote. . . está vazio; não há mais com que untar tua corda, para que ela adquira suavidade , brandura.
- E o que é que contêm os outros potes? - insistiu em saber o açougueiro.
- Olha: são as ações boas que praticam os mortais. Com elos se untam as cordas, e deste modo as cordas produzem sons mais puros e uma música mais afinada; além disto, têm uma duração muito maior!
O açougueiro abaixou sua grande cabeça e disse tão baixo, que mal se ouviram estas palavras, nele absolutamente extraordinárias:
- Que infeliz, que desgraçado eu sou! Por que levo esta vida?
A seguir, com a voz trêmula, perguntou:
- Por que é que a minha corda está tão gasta e tão

fina na parte do centro?
O anão olhou para ele bastante tempo, fixamente, depois disse:
- Achas por acaso que pode durar muito tempo uma corda tão abandonada?
Finalmente saltaram lágrimas dos olhos do açougueiro, e ele exclamou:
- Vou mudar de vida; hei de procurar fazer o bem que esteja em meu alcance!
- Tens porventura - perguntou o anão - algum interesse em ver a corda de tua esposa? Vem, cá está ela estendida.
Ele olhou e viu que estava exatamente igual à sua: áspera, grosseira, rígida, e no centro também estragada; em cima pousava um papagaio, que só fazia repetir o "brum, brum", da dele.
O açougueiro, apesar de a coisa ser tão séria, não pôde conter o riso ao ver o papagaio, que era a personificação de sua mulher.
- E ali está, se quiser ver também - disse o anão - acorda de Suse.
E lhe mostrou uma corda bastante fina, onde estava pousado um pardal que, petulante, olhava para todos os lados; mas da corda saía um tom que parecia um chiado, ou ruído de galinheiro.
- Exato, exato! - exclamou o açougueiro, sem poder conter o riso. Depois acrescentou: - Está bem, meu querido anão; vou voltar ao mundo, e verás como a minha corda vai melhorar rapidamente de som.
- Cumpre tua promessa - respondeu o anão com fisionomia ainda mais séria do que antes -; olha que te resta pouco tempo. . .
Dito isto, conduziu o açougueiro até a escada, e

este subiu rapidamente, voltando com igual rapidez para sua casa.
Pelo caminho convidou todos os famintos e mendigos que encontrava a segui-lo e chegou ao açougue acompanhado de um grande número deles.
Em seguida pegou as salsichas e os presuntos que pendiam dos ganchos e os repartiu entre todos, só parando quando esvaziou todo o açougue.
A mulher o olhava assombrada, mas sem abrir a boca: nunca havia feito nem falado coisa alguma sem ouvir primeiro o marido. Este finalmente se dirigiu a ela, dizendo-lhe:
- Presta bem atenção no que te vou dizer: a avareza e a cobiça enrouquecem a corda, enquanto que a caridade e as boas obras lhe dão um tom claro e vibrante.
Depois chamou Suse:
- O que há? - perguntou esta. - Já vai aborrecer com algum novo capricho as pessoas sensatas?
Esta invectiva devia ter feito o açougueiro lembrar-se do pardal do Bosque Misterioso, e com grande assombro de Suse (que esperava resposta muito diferente) o homem riu, como se as palavras da cozinheira fossem muito engraçados. E sem deixar de rir, lhe disse:
- Vai depressa falar com o estudante Tragalivros, e Dize-lhe que desça
imediatamente.
Suse custava a crer no que ouvia, e perguntou:
- Manda-me falar com aquele pastel de massa folheada? Com aquele infeliz?. . .
O açougueiro ficou sério e admoestou-a:
- Refreia essa língua, quando falares do meu genro!

A “bondosa” Suse obedeceu e dali a poucos minutos chegava acompanhada do estudante, que não conseguia explicar a si mesmo o que acontecia. O açougueiro pôs seu braço direito no ombro do surpreendido rapaz, e desceu com ele aos aposentos onde se achava Alice, chorando como sempre.

- Chega de choro! - disse o pai em tom de imperiosa confiança -; se continua assim, a corda se umedecerá cada vez mais! Vinde cá os dois, meus filhos, e podeis beijar-vos. Sereis um do outro, muito breve.

Não foi preciso repetir a ordem. Os dois namorados se abraçaram, com amor e ternura.

Dirigindo-se depois a Suse, ele ordenou:

- Manda chamar uns músicos e o pároco. Depois prepara uma lauta mesa, porque hoje é o dia das bodas.

- Hoje mesmo, querido pai? - perguntou Alice, como apalermada, e sem compreender aquela súbita mudança.

- Sim, hoje mesmo - respondeu o pai muito sério -; há pouco tempo!

Logo ficou pronto tudo o que era necessário para a cerimônia. O casal recebeu a bênção, e depois sentaram-se todos à mesa, onde se comeu e bebeu à vontade, reinando uma jovialidade nunca vista naquela casa. De repente, Sacatripas bateu no copo com o garfo, levantou-se e, fazendo silêncio, disse:

- Meus filhos, cuidai sempre muito da música do interior de vossas almas; é a mais bonita que a vida pode dar-vos. Não sigais o exemplo que vos

demos nós, vossos pais: a corda de nossas almas é áspera e rígida, e produz um som surdo e triste. Levai uma vida piedosa, cheia de bondade e amor ao próximo, e soará em vosso íntimo uma canção tão bela, como nunca tereis ouvido outra. Esta canção, cada dia mais clara e mais radiante, será o ornamento de vossas vidas, mais do que todo o ouro e todas as pedras preciosas. A alegria e a jovialidade serão vossos guias em toda a vossa peregrinação pela terra.

- Sim, - repetiu a açougueira, cujos olhos, através dos músculos carnudos, brilhavam de emoção - "na vossa peregrinação pela terra".

Depois de dito isso, ouviu-se um rumor de corda partida, e logo a seguir outro igual: o açougueiro e sua mulher tombaram mortos. Suas cordas, no Bosque Misterioso, tinham arrebentado.

FIM